

Raízes

v.37, n.2, jul-dez/2017

FORMAÇÃO PARA A MILITÂNCIA SINDICAL: DESDOBRAMENTOS DA ENFOC NOS SINDICATOS DE TRABALHADORES(AS) RURAIS DO ESTADO DO PARÁ

Maria de Jesus Corrêa Costa, William Santos de Assis, Gutemberg Armando Diniz Guerra

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre como a formação de trabalhadores(as) rurais no estado do Pará, por meio da Escola Nacional de Formação da CONTAG (ENFOC), vem se constituindo ao longo dos anos, bem como, analisar os seus desdobramentos e interferências nas práticas sindicais. A metodologia adotada envolveu o mapeamento de documentos históricos, revisão bibliográfica e entrevistas com diferentes sujeitos que integram o Movimento Sindical de Trabalhadores(as) Rurais. O resultado compreende o papel notório da formação, na construção de práticas reflexivas com potencial de transformar posturas militantes cristalizadas em comportamentos democráticos. O estudo evidenciou que a formação vivenciada pelos trabalhadores contribuiu para o crescimento da participação nas instâncias deliberativas e consultivas do movimento sindical, em especial de jovens e mulheres; motivou a renovação do quadro de dirigentes; e fortaleceu a base sindical. Por outro lado, há resistências a esse projeto formativo que marca mudanças visíveis.

Palavras-chave: Educação Popular; Formação Sindical; Sindicalismo Rural.

TRAINING FOR UNION MILITANCY: IMPACTS OF ENFOC IN THE RURAL WORKERS' UNIONS OF THE STATE OF PARÁ

ABSTRACT

The objective of this article is reflecting on how the training of rural workers in the state of Pará, through the National Training School of CONTAG (ENFOC), has been constituted over the years, as well as analyzing its impacts and interferences in union practices. The methodology adopted involved the mapping of historical documents, bibliographic review and interviews with different subjects that integrate the Trade Union Movement of Rural Workers. The result includes the notorious role of formation in the construction of reflexive practices with the potential to transform crystallized militant positions into democratic behaviour. The study showed that the training experienced by the workers contributed to the growth of participation in deliberative and consultative instances of the trade union movement, especially of young people and women; motivated the renewal of the leadership; and strengthened the union base. On the other hand, there are resistances to this formative project that marks visible changes.

Keywords: Popular education; Labor training; Rural Unionism.

Pedagoga, Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável (UFPA). Gestora da Escola Municipal Antônio Carvalho Brasil, Belém, Pará. E-mail: jesuscameta@hotmail.com.

Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e Pós-Doutor no PGDR/UFRGS. Professor no Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares (INEAF-UFPA). E-mail: williamassis@ufpa.br.

Doutor em Sociologia do Desenvolvimento (EHES-Paris/França), Pós-doutor pela Columbia University, em New York. Professor do Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares (INEAF-UFPA). E-mail: gguerra@ufpa.br.

1 REVISITANDO AS PRÁTICAS DE FORMAÇÃO SINDICAL NO BRASIL

Para compreender a materialização da Escola Nacional de Formação (ENFOC) da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), no Estado do Pará, foi realizado um estudo de caso o qual possibilitou levantar dados e informações. Neste estudo, a fim de entender a “[...] natureza socialmente construída da realidade” (Denzin; Lincoln, 2006, p. 23), foi privilegiada a pesquisa qualitativa. Deu-se prioridade às entrevistas com pessoas envolvidas diretamente nos processos formativos, representativos do universo analisado: dirigentes da Contag, da Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura do Estado do Pará (FETAGRI-PA) e dos Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTRs), seus assessores atuantes, lideranças, sócios participantes da Enfoc em diferentes níveis e colaboradores da escola.

O recorte temporal tem início quando a Contag aprova a criação de uma escola com o objetivo de oferecer atividades voltadas à formação de dirigentes, lideranças e assessores, ligados ao Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR), na perspectiva de uma formação militante e permanente. Essa escola, inaugurada em Brasília, no dia 14 de agosto de 2006, recebeu o nome de Escola Nacional de Formação (Enfoc) da Contag cujo lema é *Enfoc*, lugar de transformação política.

Formação e processos formativos são termos legitimados pelo movimento sindical para definir o processo educativo e pedagógico realizado pela Enfoc. Diferencia-se do modelo de escola tradicional não apenas no que se refere aos aspectos relacionados a conteúdos, objetivos, metodologia e estrutura física, mas, sobretudo, por suas concepções ideológicas, que se debruçam sob a perspectiva de uma educação libertadora (Freire, 2011): trata-se de uma escola itinerante, que não se realiza em um único espaço e nem de uma única maneira, nasce em torno das exigências do MSTTR para ampliar a capacidade político-organizativa dos dirigentes, na construção de um movimento classista, combativo e de intervenção.

Essas exigências, contidas no Projeto Político Pedagógico da Enfoc (Confederação, 2008a), se pautam na necessidade de construir conhecimentos e informações capazes de subsidiar as práticas das lideranças nos diferentes níveis da organização, o que pressupõe realizar ações formativas centradas em uma dimensão transformadora.

A Enfoc busca ser um instrumento de promoção de mudanças nas práticas políticas daqueles que integram a sua estrutura, dentro da perspectiva de “[...] ampliar os olhares, mudar atitudes, qualificar ações e bandeiras de lutas, reavaliar comportamentos individuais, coletivos e organizativos de modo a favorecer o exercício de novas práticas” (Confederação, 2008a, p. 11). Esta escola vem introduzindo debates sobre a democratização dos espaços de gestão sindical, com ênfase para a renovação de lideranças e o estímulo à participação dos trabalhadores nas organizações. Nela se trabalha ainda a estratégia da formação de educadores populares por meio da construção dos Grupos de Estudos Sindicais (GES), com o objetivo de multiplicar as experiências formativas com desdobramentos nas comunidades rurais. Os GES são construídos e fomentados por aqueles que participaram das formações, constituindo-se ambientes de estudo e de debate das demandas locais.

No Pará, a Enfoc teve início em 2009, com a realização de sua primeira turma estadual, em Belém. A partir deste marco, a Fetagri-PA, por meio de sua Secretaria de Formação e Organização Sindical, vem promovendo cursos direcionados à categoria como “[...] principal instrumento na efetivação de demandas relacionadas à formação político-sindical” (Confederação, 2008b, p.13). Neste Estado, a escola se diferenciou das demais por efetivar a criação de turmas regionais¹, microrregionais e municipais. Destacou-se no cenário sindical brasileiro pe-

1 A Enfoc, no Pará, consolidou cursos regionais e microrregionais, agregando municípios a partir de afinidades geográficas e políticas.

la criação de GES e por introduzir em seus processos as Jornadas Pedagógicas, ações metodológicas que permitem vivenciar diferentes realidades no Estado.

FIGURA 1- 1ª JORNADA PEDAGÓGICA, VISITA À CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA DE BELO MONTE, ALTAMIRA, 2012



Fonte: FETAGRI.

Esta foi a 1ª Jornada Pedagógica, com atividade no município de Altamira, uma visita pedagógica à construção da Hidrelétrica de Belo Monte, desencadeou o debate sobre os grandes projetos de desenvolvimento implantados na Amazônia, a reflexão do que estas grandes obras representam para os trabalhadores, quais seus impactos e resultados. A ação mobilizou diretamente cerca de 50 pessoas, envolvendo nove sindicatos e permitiu aos participantes conhecer diferentes contextos sociais, ambientais, produtivos e culturais, numa relação positiva entre teoria e prática. O termo teoria foi empregado para fazer referência aos debates e discussões em torno da matriz pedagógica da ENFOC e seus conteúdos. A prática está relacionada às experiências vivenciadas nos locais em que ocorrem as ações como as visitas e as Jornadas Pedagógicas.

FIGURA 2 – 2ª JORNADA PEDAGÓGICA, IFPA, CASTANHAL-PA, 2013



Fonte: FETAGRI.

Esta imagem representa um momento místico, num gesto de união, força, coragem, ousadia, solidariedade, companheirismo, de um coletivo que pensa a formação para o fortalecimento do movimento. As Jornadas Pedagógicas são exemplos de ações que visam, além do aprofundamento de debates contemporâneos, vivenciar e conhecer a realidade. As Jornadas foram construídas para a superação do distanciamento entre os dirigentes e as realidades, estreitando os vínculos entre a organização sindical e os desafios colocados no contexto social em que se encontram os trabalhadores rurais. Durante as jornadas foram discutidos temas como, práticas sindicais. Vejamos o que diz um colaborador da ENFOC sobre isso:

Nós temos que ser dirigentes formados. Dirigente sindical tem que saber problematizar. O que é isso? É saber refletir sobre uma determinada situação. Ninguém pode pensar pela gente, temos que pensar como sindicalistas pela defesa da agricultura familiar na Amazônia. Volto a dizer, temos que problematizar, pensar que problemas temos? Esse é o papel do sindicalista. A principal qualidade de uma diretoria hoje é esta capacidade de pensar a agricultura familiar na Amazônia. Quem problematiza não é somente uma pessoa, mas no mínimo umas cinco pessoas. Um bom dirigente não é uma pessoa que tem solução, um bom dirigente é aquele que tem a capacidade de levar para uma assembleia, para uma reunião, assuntos para serem discutidos. (Colaborador da ENFOC, Emmanuel Wambergue, coletado por ocasião da I Jornada Pedagógica da ENFOC).

Este colaborador da ENFOC aborda o aspecto da educação como elemento de problematização. Para ele, um bom sindicalista precisa saber problematizar, refletir sobre uma dada situação, trabalhar com a racionalidade pela defesa do projeto da categoria, colocar em pauta os problemas visíveis que se tem e debater sobre eles. Um bom sindicalista para ele, não precisa apontar as soluções, mas colocar os problemas em debate, coletivamente. A maior qualidade de um sindicalista seria a capacidade de pensar a Agricultura Familiar na Amazônia, em um cenário de grandes projetos em disputa, a construção de obras de infraestrutura, construção da hidrelétrica em Belo Monte, o avanço do agronegócio (soja, dendê, gado), o desmatamento, que impacta negativamente na vida daquelas pessoas que vivem e dependem da agricultura.

2 O MOVIMENTO SINDICAL DE TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS

O movimento sindical de trabalhadores e trabalhadoras rurais no Brasil agrega diferentes atores sociais do campo bem como as entidades que representam essa categoria, a partir de uma estrutura verticalizada. A origem desse movimento é explicada nos processos de luta pela terra e por direitos políticos e sociais, historicamente desenvolvidos no campo. Segundo Silva (2008), a presença dos trabalhadores do campo nos processos de luta, não só no Brasil como no mundo, revela como esses atores, em processo de organização, participaram das transformações sociais e políticas, ocorridas ao longo da história.

2.1 A FORMAÇÃO INSERIDA NO CONTEXTO DA LUTA

No Pará, desde a década de 1940, a Igreja Católica, junto aos trabalhadores do campo, promove formações para a evangelização. No entanto, alguns segmentos da Igreja, ao se aproximarem dos problemas sociais e das injustiças presentes no campo, criam, em 1945 as Ligas Camponesas, com “[...] o objetivo principal de organizar as massas dos trabalhadores rurais pa-

ra protestar contra os grandes proprietários de terras, os latifundiários” (Araújo, 2010, p. 2). Em suas reivindicações, a pauta da formação dos trabalhadores camponeses já se fazia presente. Outro fato importante a ser destacado é o de que agências norte-americanas, promoveram “[...] cursos de alfabetização e treinamento profissional para as populações rurais, contando, inclusive, com o apoio da Igreja Católica”. (Ramos, 2011, p. 11). Esses programas de formação direcionados aos camponeses tinham como objetivo principal orientar a fundação de sindicatos.

No ano de 1960, a Igreja Católica cria o Serviço de Assistência Rural do Rio Grande do Norte (SAR), a fim de formar lideranças sindicais. Em 1961, foi criado o Instituto Americano de Desenvolvimento e Sindicalismo Livre (IADESIL), ligado à “American Federation of Labor Congress of Industrial Organization”, que promoveu formações aos trabalhadores rurais nos moldes de capacitação. Também naquele ano, foi criado, por meio do Decreto nº 50.370, o Movimento de Educação de Base (MEB), uma iniciativa de Bispos da Igreja Católica, cujo objetivo era o de impulsionar a sindicalização rural e combater o analfabetismo por meio das escolas radiofônicas.

A Contag, criada no dia 22 de dezembro de 1963, somente foi reconhecida no dia 31 de janeiro de 1964. Essa organização, de acordo com Tavares (1992), sofreu intervenção logo após a tomada do poder pelos militares, que promoveram uma onda de violência e repressão em todo o país. Após o Golpe Militar de 1964, os cursos de formação oferecidos pela Iadesil se expandiram e se intensificaram, “[...] tendo, em 1966, mais de 200 líderes sindicais sido enviados para cursos nos Estados Unidos” (Ramos, 2011, p. 12).

No início da década de 70, período que antecedeu a realização do II Congresso de Trabalhadores Rurais, a preocupação central da Contag esteve voltada para a criação e o aperfeiçoamento de equipes educacionais para atuarem no sindicalismo em níveis nacional, estadual, municipal, numa dinâmica de integração de suas entidades – Contag, Federações, Sindicatos (Manfredi, 1996, p. 136).

Nesse contexto, a formação fez parte de uma estratégia maior da Contag de fortalecer a concepção sindical combativa para forjar um processo de luta do movimento sindical e, com isso, contribuir para o fortalecimento das lutas que estavam ocorrendo no campo. Nesse sentido, o II Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais, realizado no ano de 1973, focou no aspecto da formação.

As atividades educativas desenvolvidas entre o II e o III Congresso (1973 a 1979), priorizam a formação de dirigentes sindicais e a capacitação das equipes de formadores que iriam atuar nas diferentes entidades sindicais (de primeiro, segundo e terceiro grau), no âmbito do movimento sindical rural. (Manfredi, 1996, p.136)

Os conteúdos desses cursos versavam, de acordo com Manfredi (1996), sobre a análise crítica do modelo de desenvolvimento socioeconômico do país e da legislação brasileira, incluindo direitos trabalhistas, agrários, previdenciários e sindicais, tendo como centralidade a formação sociopolítica dos dirigentes e a defesa dos seus direitos como cidadãos.

Discutiu-se, naquela ocasião, a necessidade de uma maior integração entre os dirigentes dos sindicatos, federações e confederação, como também a formação de dirigentes, a partir da base sindical, e a criação de delegacias regionais. Uma das deliberações foi o desenvolvimento de cursos que orientassem os trabalhadores quanto à participação no sindicato. Tal de-

liberação em torno da educação sindical traduziu-se em um marco histórico inicial para o processo de formação que se estende até hoje.

A Contag, conforme observou Manfredi (1996), de 1971 a 1973, desenvolveu amplo processo de capacitação de equipes multiplicadoras para atuar nas diferentes regiões do país. Em seu III Congresso, incorporou fortemente a “educação sindical” e a definiu como um instrumento capaz de “interpretar e transformar a realidade”, contribuindo para organizar a luta, cuja referência era o próprio sindicato, considerado não apenas como uma estrutura de representação dos trabalhadores, mas principalmente como um órgão que encaminha as lutas no campo.

O eixo da concepção da CONTAG sobre educação era a necessidade de os trabalhadores rurais conhecerem os seus direitos e se organizarem para obter seu cumprimento. De acordo com a entidade, isso seria feito através de cursos para lideranças, mostrando a marca de uma visão pedagógica originária da igreja, segundo a qual seria necessário conscientizar os trabalhadores para que estes pudessem ir à ação (Medeiros, 1989, p. 102).

Tais cursos representaram, de acordo com os elementos elencados por Medeiros (1989), as primeiras iniciativas de formação sindical inauguradas pela Contag direcionadas à categoria de trabalhadores rurais. Isso ajuda a entender o papel que esse modelo de educação assumiu no movimento sindical daquele período, revelando-se como estratégia de fortalecimento das lutas no campo.

A formação não é uma coisa que a escola, a Enfoc, trouxe, ela já existia, inclusive num formato de períodos mais extensivos de 12, 25 dias... Os cursos duravam muito mais, só que naquele período, em que todos os movimentos sociais inclusive a Contag e suas federações estavam numa situação social de estruturação política [...] Na medida em que o movimento foi se estruturando politicamente, passou a conquistar as políticas públicas. (Entrevistado Juraci Souto, Secretário de Formação e Organização Sindical da Contag, Brasília, DF, 2014²).

A formação precede à Enfoc, pois já havia processos formativos antes mesmo da fundação da Contag desenvolvidos pela Igreja e órgãos internacionais. A formação sindical que a Contag passou a executar nos anos de 1960 a 1970, em períodos extensivos de 15 a 25 dias, carregava uma intencionalidade dentro da lógica de que seria necessário um processo formativo que contribuísse para a reestruturação política do movimento, dado o contexto de intervenções e repressão militares. Disso decorre o papel relevante que a formação assumiu, formando lideranças em todo o país e imprimindo passos significativos ao MSTTR (Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais), inclusive de conquistas de políticas públicas. E, no momento em que o movimento conquista o controle e a execução de tais políticas, levou a formação ao declínio, deixando de ser o centro do processo. É mister destacar ainda o fato de que, naquele período, os cursos não obedeciam a uma linha de continuidade, como é a atual perspectiva da Enfoc.

[...] em todos os congressos que a Contag fazia, final dos anos 80, anos 90, os trabalhadores sempre cobravam, “olha, nós não podemos esquecer a formação, ela é essencial, é um instrumento básico”. (Entrevistado Juraci Souto, Secretário de Formação e Organização Sindical da Contag, Brasília, DF, 2014).

2 Todas as entrevistas aqui explicitadas foram retiradas da dissertação de Prazeres (2014).

Com o passar dos anos, em um contexto marcado pelo acirramento das disputas no campo, pelo crescimento do agronegócio e pelo aumento da desigualdade social, o movimento retoma o tema da formação e a recoloca no centro dos debates novamente, deliberando, em congresso, pela criação de uma escola para esse fim. Recuperar todo esse processo histórico de lutas dos atores sociais do campo no Pará, e no Brasil como um todo, torna-se significativo à medida que ajuda a identificar os momentos em que a formação emerge e adquire função relevante no seio do movimento sindical.

3 FORMAÇÕES SINDICAIS NO PARÁ

Na década de 50, a Igreja Católica e o Partido Comunista do Brasil (PCB) desempenharam um papel importante na fundação de sindicatos rurais no Estado do Pará. A Igreja assume o papel de fortalecer as lutas dos ditos excluídos, atuando ao lado dos movimentos populares, e, através do Movimento Eclesial de Base (MEB), promove cursos direcionados às classes populares (Fávero, 2006).

Muitas lideranças que estão nas direções de sindicatos no Pará experimentaram esse processo de formação. Isso significa que tal experiência, propriamente uma educação política, foi uma contribuição relevante da Igreja para a fundação de sindicatos e formação das populações rurais em um período marcado pela repressão militar.

No ano de 1965, segundo Guerra e Marin (1990), as associações de lavradores, colonos e trabalhadores rurais, até então existentes, se transformaram em Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STR), que, posteriormente, em 1968, iriam fundar a Fetagri.

Na década de 70, segundo Sousa (2002), a Fetagri e a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) promoveram cursos sobre sindicalismo, cujos participantes, ao retornarem para seus respectivos municípios, iniciaram processos de criação de sindicatos.

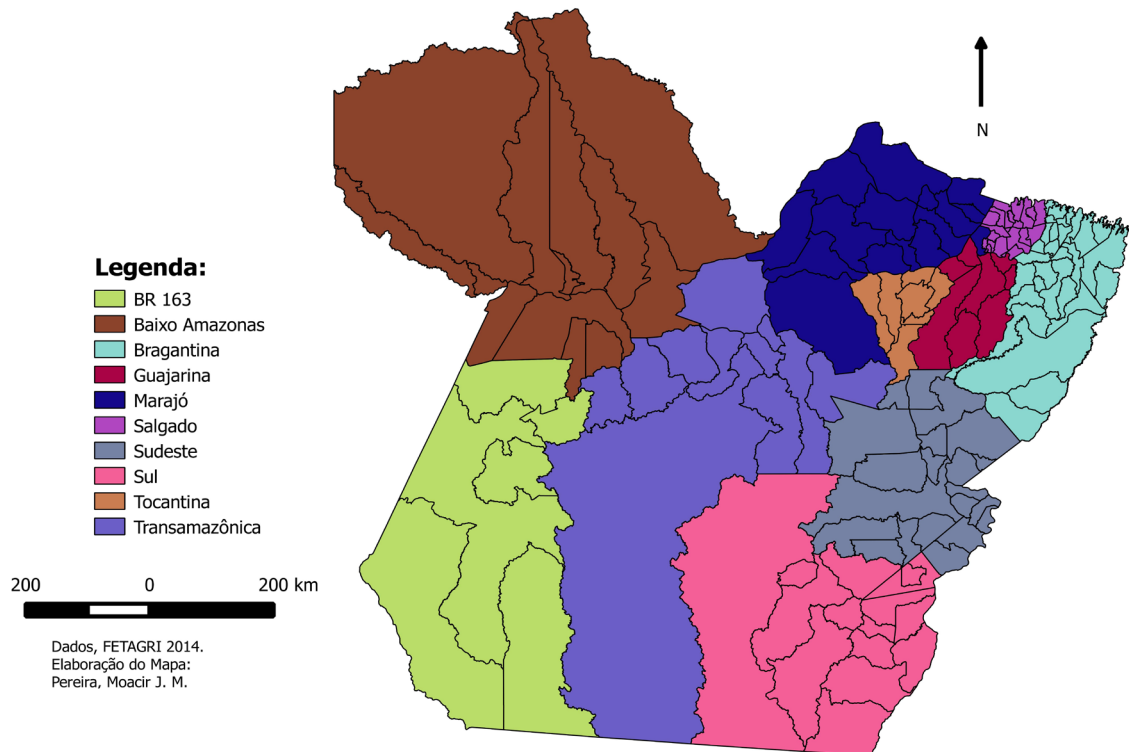
Para Guerra e Marin (1990), a formação sindical, em 1974, entra em cena a partir do convênio realizado entre Fetagri e Ministério do Trabalho, os quais teriam organizado cursos de formação sindical.

Pouco a pouco vão se formando grupos de oposição e equipes de educação sindical e vão se promovendo encontros sobre a questão da terra, até o assumir da direção da FETAGRI, em 1987, com uma perspectiva de “novo sindicalismo” apregoado por forças políticas diversas das que ocuparam por vários anos o aparelho organizativo. (Guerra; Marin, 1990, p. 52, grifo do autor).

Pode-se observar que, pouco a pouco, foram construindo oposições para recuperar o controle das direções dos sindicatos. A formação assume papel importante para que dirigentes pudessem adquirir capacidade política e organização na disputa do monopólio da direção da entidade estadual.

Filiada à Contag e à Central Única dos Trabalhadores (CUT), a Fetagri, representa os STTRs, estando presente em todos os municípios paraenses. Esta entidade é constituída por 10 coordenações regionais classificadas em: Baixo-Amazonas, BR163, Bragantina, Guajarina, Ilhas, Salgado, Sudeste, Sul, Transamazônica e Tocantina. Cada coordenação regional possui um (a) coordenador (a) regional e um (a) vice.

MAPA 1 – REGIONAIS DA FETAGRI.

Regionais da FETAGRI no Estado do Pará

Elaborado por PEREIRA, 2014. Fonte: FETAGRI, 2014.

O Mapa 1 evidencia a composição das 10 regionais da FETAGRI-PA. As cores representam as diferenças entre uma regional e outra. A lógica desta divisão obedece ao componente político organizacional, tendo como base as articulações políticas de lideranças regionais e locais e, também pela própria dimensão do Estado do Pará no que se refere à sua extensão territorial. Em diversos casos obedecem a identidades regionais definidas como a do Sul e Sudeste do Pará que pleiteiam a sua emancipação como Estado do Carajás. A Fetagri representa:

[...] milhares de famílias de agricultores(as) familiares (aqui incluídos os ribeirinhos, quilombolas, extrativistas e pescadores artesanais) e milhares de assalariados(as) rurais; que vêm trabalhando ao longo de sua história uma estratégia de implantação de políticas públicas no campo, como: reforma agrária, regularização fundiária, crédito, assistência técnica, infraestrutura (estradas, energia e agroindústrias), saúde, educação, previdência e assistência social. (Federação, 2007, p. 2).

Essa Federação tem como principais linhas de atuação a formação/educação: meio ambiente; reforma agrária; regularização fundiária; violência no campo; políticas sociais; saúde; previdência; terceira idade e assistência social; cultura e lazer; direitos dos assalariados; políticas para a mulher trabalhadora rural e juventude.

Dentre os cursos e programas desenvolvidos pela Fetagri, ressalta-se o Projeto Raízes, nos anos de 1999 e 2000, capacitando trabalhadores rurais, nos mais diversos temas, e qualificando produtores familiares, em educação e desenvolvimento rural. Outra experiência no Pará se deu por meio do Programa Jovem Saber, que:

É uma formação que acontece nos lugares mais distantes onde o jovem pode acessar à Internet. No Estado do Pará, o Jovem Saber foi criado em 2006. Temos hoje em torno de 300 grupos formados no Estado. (Entrevistado Moisés de Souza Santos, Secretário Geral e de Juventude da Fetagri-PA, Belém, 2014).

Esse programa de capacitação à distância, direcionado para a juventude rural, articulou três eixos fundamentais – política sindical, formação profissional e política pública – e trabalhou os seguintes temas: educação; desenvolvimento rural e sustentável; agroecologia; organização da produção; cooperativismo; história do movimento sindical; gênero; organização e gestão sindical; metodologia de trabalho em comunidade; entre outros.

A Fetagri foi executora também do Projeto Saúde e Gênero no Campo, materializado, no Pará, entre 2005 e 2011, por meio do convênio entre Contag, Ministério da Saúde e Fetagris subconveniadas. Esse projeto, implantado em oito municípios da região Bragantina, versava sobre a formação de multiplicadores nos temas da saúde, gênero, sexualidade, raça/etnia, e tinha como objetivo desenvolver processos de educação aos trabalhadores e trabalhadoras rurais e fortalecer o controle social das políticas públicas, especialmente as de saúde no meio rural. Ao final, o projeto conseguiu formar diretamente 90 multiplicadores.

Já no período de 1999 a 2003, a Fetagri e o Grupo de Trabalho Amazônico (GTA) foram executores do Projeto Proteger, que abrangeu 42 municípios do Estado. Foi um projeto de mobilização e de capacitação de agricultores familiares e extrativistas para a prevenção de incêndios florestais na Amazônia, que envolveu um público de 10 mil pessoas nas ações, visitas de intercâmbio, seminários, mobilizações e cursos.

A escola se propõe a elevar o nível de interpretação dos educandos sobre o mundo, por meio do exercício da autocrítica, no desenvolvimento da consciência política das pessoas, conforme um projeto político de libertação humana. Por conseguinte, a pedagogia trabalhada nela vem ao encontro da concepção da pedagogia de resistência, de libertação e de emancipação (Arroyo, 2014), o que demonstra existirem não só experiências gestadas por sujeitos sociais que constroem cotidianamente concepções e práticas educativas diversas, mas também outros espaços pedagógicos, outras aprendizagens, outros processos de produção do conhecimento e de humanização fora das instituições de ensino convencional.

Essa concepção pedagógica revela que a formação tem sido capaz de contribuir para a resistência de trabalhadores(as) rurais frente ao sistema econômico capitalista – do agronegócio, da violência no campo e dos modelos de produção degradantes que visam preponderantemente o lucro – que gera impactos nocivos às populações locais e ao meio ambiente. A libertação vem da elevação da consciência, do refletir sobre os caminhos possíveis e alternativos frente a essa realidade. A emancipação vem da capacidade de transformação que a formação pode gerar, como as sementes que são capazes de nascer, crescer, fixar raízes, transformar-se em alimento de vida.

4 O PODER TRANSFORMADOR DA FORMAÇÃO

No Estado do Pará, a Enfoc vem trabalhando em duas perspectivas de mudança: possibilita o debate sobre a construção de uma sociedade alternativa, com base noutro modelo de desenvolvimento para o campo; e trabalha também na perspectiva de transformação de práticas sindicais internas ao movimento, como revela uma dirigente sindical: “[...] o movimento sindical não é uma estrutura fácil de deslanchar algumas coisas, ainda é muito preso a elemen-

tos antigos [...]”. (Entrevistada Euci Ana da Costa Gonçalves, Secretária de Formação e Organização Sindical da Fetagri-PA, 2014). Isso significa dizer que a estrutura sindical ainda dificulta a introdução de alguns debates e carrega valores considerados arcaicos, do ponto de vista de proporcionar novas práticas.

A Enfoc é algo novo e diferente. Tudo que é novo assusta, tem muita dificuldade em ser implementado [...] mas, depois, quando a turma vai provando de que é possível fazer diferente, de que é possível chegar às pessoas, que ela é um processo de continuidade, então isso animou muito a turma e, hoje, estamos num patamar que a gente avalia que ela evoluiu muito, mesmo tendo algumas dificuldades pra se manter, mas a gente tem se mantido acreditando que é possível mobilizar as massas. (Entrevistada Euci Ana da Costa Gonçalves, Secretária de Formação e Organização Sindical da Fetagri-PA, Belém, 2014).

A dirigente sindical revela que a Enfoc surgiu como espaço de inovação e de introdução de debates e reflexões atuais, o que gerou impactos, em função dos resquícios de práticas conservadoras e antidemocráticas. Entende-se por “práticas” as formas de atuar, de agir e de fazer dos dirigentes e lideranças sindicais, que estão relacionadas às atividades regulares, posturas e comportamentos. Essas práticas são consideradas conservadoras e antidemocráticas ao serem exercidas em desacordo com as orientações debatidas nas instâncias do movimento, mas também ao procurarem manter e preservar determinadas normas em oposição às tentativas de mudança e inovação.

Nos sindicatos ainda se mantêm algumas pessoas que não querem mudar, que querem manter o movimento sindical de 20, 30 anos atrás. O movimento sindical está num processo de estagnação de lideranças, estagnação de ação, então, a escola vem renovar esse processo para que motive a base. Há uma diminuição muito grande de sindicalização, a nossa base estava diminuindo, tínhamos muitos sindicatos de estrutura de direção, mas de ação de massa, de base estava meio que se perdendo [...] a escola tem retomado isso. (Entrevistada Euci Ana da Costa Gonçalves, Secretária de Formação e Organização Sindical da Fetagri-PA, Belém, 2014).

Essa escola surge, então, como proposta de renovação de lideranças, de fortalecimento da base sindical, constituindo-se instrumento mobilizador e de transformação de práticas. Essa dirigente, por sua vez, revela que o movimento passa por uma crise, disso decorre a emergência de uma escola como a Enfoc, que vem para somar esforços na transformação externa e interna ao movimento.

Há uma avaliação de que existe muito sindicato de balcão, muito sindicato que tem a representação, mas a população não se sente representada. São sindicatos de escritório que chamamos, que não tem luta. (Entrevistada Euci Ana da Costa Gonçalves, Secretária de Formação e Organização Sindical da Fetagri-PA, Belém, 2014).

No sindicalismo brasileiro há a presença de sindicatos que não representam efetivamente a sua categoria, existem como estrutura, mas não conseguem cumprir com o seu verdadeiro papel: o de atuar em defesa dos interesses dos trabalhadores. Essa dirigente os qualifica como “sindicatos de escritório”, porque não têm luta e nem ação, existem como estrutura burocrática, mas não representam a sua categoria, nem aos seus anseios. Esse é um elemento de contra-

dição. A existência do sindicato perpassa pela concepção de organização e de defesa dos interesses coletivos de uma dada categoria. Algumas lideranças agem e atuam, mas, conforme evidencia Demo (2009), não representam efetivamente a categoria que deveriam representar.

Existe uma hierarquia com relação aos cargos, sendo que “[...] a figura do presidente pesa sobre o movimento sindical. Quando não sabe dialogar, o presidente acha que ele é o dono, então, vai se reproduzindo isso” (Entrevistada Euci Ana da Costa Gonçalves, Secretária de Formação e Organização Sindical da Fetagri-PA, Belém, 2014). Nesta mesma análise, “os sindicatos funcionam quase sempre mal, seja do ponto de vista do fraco comparecimento das bases, seja porque seus líderes se perpetuam no poder [...]” (Demo, 2009, p. 38).

Considerando as mazelas existentes no sindicalismo, a Enfoc, no Pará, vem debatendo e questionando “[...] a permanência obsessiva no poder” (Demo, 2009, p. 54) de alguns dirigentes sindicais, considerada como uma prática antidemocrática, por dificultar a renovação e impedir que outras pessoas contribuam com novas formas de atuação. Contudo, isso tem um lado positivo: o de consolidar a representação, manter a memória e dar coesão ao grupo pela experiência do dirigente que se constitui como referência. Sobre isso, a entrevistada se reporta da seguinte forma:

O movimento sindical exige que as práticas sindicais sejam práticas organizadas, transparentes. A gente ainda se depara, em muitos lugares, com dirigentes com práticas que vão de encontro a esses objetivos que a gente quer atingir, por exemplo, dirigentes que ficam muito tempo na direção dos sindicatos, que não querem passar pra outro, não dão espaços para outros sindicatos, famílias que vão passando de pai para filho, são essas práticas que a gente quer que sejam transformadas. (Entrevistada Helena F. da Cruz, assessora da Fetagri-PA, colaboradora da Enfoc, Belém, 2014).

Percebe-se, na fala desta entrevistada, que, no Pará, a Enfoc deu ênfase ao aspecto da mudança nas práticas de dirigentes sindicais. Já se reconhece, contudo, que essas práticas não representam o sentimento coletivo, tampouco os objetivos do movimento sindical, porque contrariam o princípio da participação e da democratização dos espaços. Fica evidenciada, a partir do depoimento acima, a presença da “vitaliciedade” (Demo, 2009), em que muitas lideranças querem se perpetuar na direção sindical, o que impede a democratização e o “surgimento de lideranças alternativas” (Demo, 2009). Essa análise é reforçada no depoimento da entrevistada:

Nós temos hoje dirigentes sindicais que estão com mais de 20 anos no poder, que continuam sempre com a mesma metodologia e a mesma prática. A gente sabe que precisamos nos atualizar, renovar o movimento. É preciso que ele se conscientize que a profissão dele não é ser sindicalista, mas sim agricultor familiar. Acho que se um dirigente conseguiu fazer um bom trabalho, pode se candidatar a reeleição, passa os 8 anos e já contribuiu o bastante, deve dar espaços para outras lideranças. Essa escola é pra isso, está preparando os jovens, as mulheres, para ocupar esses espaços, então tem pessoas para isso. (Entrevistada Ducilene Gaspar, Vice-Presidente e Secretária de Formação do STTR de Tailandia e Vice-Coordenadora da Fetagri-PA, Regional Guajarina, Belém, 2014).

Essa entrevistada, ao salientar a necessidade da renovação sindical, evidencia que os segmentos mulheres e jovens se constituem em público com condições de assumir as direções sindicais e outros espaços que possam surgir, na medida em que a Enfoc-PA tem formado um número considerável de mulheres e jovens no Estado. Essa escola, além de proporcionar debates

e reflexões, possibilita condições de aprimoramento de suas práticas e orienta a condução da ação sindical, a fim de atingir objetivos coletivos.

Claro que a mudança não ocorre na mesma proporcionalidade dos debates que são feitos, mas existem mudanças. Só que também tem um choque, que eu posso dizer que é um choque de conhecimento e de geração, houve lugares em que houve atrito. Há lugares em que houve divergências. Tem gente que sai da Enfoc e quer ser presidente e isso gera muita crise porque não faz o debate político que tem que ser feito. Um exemplo disso foi o (aluno da Enfoc e sócio do STTR) em Castanhal. Ele era tesoureiro do sindicato, queria ser presidente e não fez nenhum debate, entrou em conflito com a diretoria que tem uma visão atrasada, não conseguiu ser o presidente e saiu do sindicato. Também precisa ter a capacidade política de entender que a disputa do conhecimento que você adquiriu é uma disputa lenta, não dá para chegar com o certificado da Enfoc e daqui pra frente tem que ser assim... Tem fatores externos, políticos, que influenciam, não é automático porque você vai se deparar com uma visão cultural. Na minha região ainda tem uns três sindicatos que tem diretor que ainda é do tempo da comissão provisória, aquele que ajudou a fundar o sindicato, ele está lá. Eu diria que discutir práticas sindicais é um patamar superior para debater sindicalismo político em todos os sentidos. Nós precisamos aprender que a ação sindical tem interferência de outros fatores, mas ainda existe gente que está muitos anos como presidente de sindicato. Aqui na Fetagri tem os ajustes, as mudanças, tem os 30%, de renovação, mas tem as influências dos debates políticos externos, mas há divergências. (Entrevistado Carlos Augusto Santos Silva, Secretário de Administração e Finanças da Fetagri-PA, Belém, 2014)

Esse dirigente evidencia aspectos pertinentes para esta análise. Ele considera como entrave para o processo de renovação a naturalização da vitaliciedade. Apesar de concordar que possa existir uma cultura presente no sindicalismo em que dirigentes e lideranças acreditam na naturalidade de suas permanências por longos períodos nos cargos, não consideramos essa prática como um problema. Por outro lado, a Enfoc vem debatendo o repensar de tais práticas. Além disso, esse entrevistado ressalta que as mudanças desejadas precisam ser construídas, pois elas não são geradas automaticamente, porque a formação não tem um efeito imediato, constituindo-se, segundo ele, um processo contínuo e gradual.

Por outro lado, de acordo com o entrevistado Francisco de Assis Solidade da Costa, a mudança já é visível:

Temos tido mudanças nesse processo. Surge uma nova esperança, maior envolvimento de pessoas, muita gente nova surgindo com práticas inovadoras e, isso tem dado bastante confusão. Nas eleições sindicais, por exemplo, muitos que participam da Enfoc acabam se envolvendo nos processos eleitorais [...] acho que a educação é instrumento importante pra mudar a prática que boa parte do movimento sindical tem. Lembro que eu conheci gente que chegou ao curso e não falava e hoje são pessoas que mais se expressam. Nos conselhos deliberativos da federação, se tem hoje mais de 80% do povo que participa são enfoqueanos, então é claro que as discussões tomaram outras dimensões, porque as pessoas estão vindo preparadas, com mais informação. Acho que do ponto de vista da participação, melhorou. (Entrevistado Francisco de Assis Solidade da Costa, Presidente da Fetagri-PA, Belém, 2014).

Este ponto de vista reflete o trabalho realizado pela escola sindical, que fortaleceu, de modo expressivo, a participação de trabalhadores e trabalhadoras nos espaços sindicais. Os co-

nhecimentos construídos na escola produziram elementos para que os educandos pudessem ter subsídios e condições necessárias para realizar possíveis intervenções e questionamentos. Por meio desta, busca-se incentivar a participação dos educandos, o seu envolvimento, o trabalho em grupo, a socialização dos debates e tudo isso estimula o desenvolvimento da socialização e da oralidade.

A formação dada pela Enfoc tem criado no movimento sindical, em alguns lugares, um clima de disputa. As pessoas, quando passam pelo processo formativo, se empoderam e, ao se empoderar, querem que as mudanças aconteçam de imediato, só que em alguns lugares tem conflitos com essas ideias, conflitos ideológicos de ir mesmo para o embate. (Entrevistada Helena Ferreira da Cruz, assessora da Fetagri-PA, colaboradora da Enfoc, Belém, 2014).

Essa entrevistada menciona que a Enfoc, no Estado do Pará, tem gerado um clima de disputa, que se acirra em consequência do poder que a formação proporciona. Isso estaria relacionado aos questionamentos proferidos pelos educandos, para os quais, as práticas consideradas inadequadas ao dirigente sindical não são aceitas facilmente. Além disso, tais disputas ocorreriam porque alguns dirigentes se sentem ameaçados em perder seu espaço e isso tem criado uma interpretação equivocada com relação à escola.

A Enfoc trouxe outro enfoque para o movimento sindical. Nós temos a compreensão que a escola é uma referência, um instrumento mobilizador da base, seja ela para formação de lideranças, seja para denunciar, seja para construir novos espaços. Eu avalio que ela não está totalmente vencida, tem algumas barreiras, mas a gente tem se mantido acreditando que é possível mobilizar as massas. (Entrevistada Euci Ana da Costa Gonçalves, Secretária de Formação e Organização Sindical da Fetagri-PA, Belém, 2014).

A Enfoc vem se constituindo como instrumento mobilizador da base. No Estado do Pará ela tem como público não somente lideranças e dirigentes sindicais, mas os próprios trabalhadores rurais que estão presentes em variados lugares das comunidades. Esse é o público que a escola deseja atingir, ao propor a criação do GES: chegar até as pessoas, estreitar a relação entre organização sindical e base, aproximar-se dos problemas que afligem sua categoria e, em conjunto, intervir de forma a obter melhoria na qualidade de vida dos trabalhadores.

É claro que as pessoas não estão no mesmo nível de compreensão, que também não podia ser, mas está todo mundo fazendo formação. Devo confessar que não é uma coisa fácil fazer formação no movimento sindical, nos movimentos sociais como um todo. O que passa na cabeça das pessoas é plantar hoje e colher amanhã, uma ação compensatória. Na formação não é assim, precisa ter paciência, nem todo mundo que passa pelo processo consegue absorver, consegue verdadeiramente virar um educador popular. O nosso nível de evasão é muito pequeno, muito mesmo. (Entrevistado Juraci Moreira Souto, Secretário de Formação e Organização Sindical da Contag, Brasília, DF, 2014).

Esse entrevistado, por sua vez, se reporta ao aspecto dos resultados da formação. Obviamente que os efeitos da formação não são produzidos de imediato, já que o nível de compreensão e a capacidade de entendimento variam de pessoa para pessoa, os ritmos de aprendizagem não são homogêneos. O resultado da formação não surge de imediato, por isto mesmo

há dirigentes que não acreditam em sua força; alguns a veem como um gasto, não como investimento no fortalecimento da base.

A principal função da escola é você dar uma conotação um pouco melhorada para ação e a prática do nosso sistema de organização sindical. Tem a missão de você aproximar bastante a sua prática com seus discursos. Você sabe que no nosso movimento, tem muito dirigente que faz um belo discurso, mas a prática mesmo é uma negação. Então, primeiro, a escola tem a função de contribuir para o processo de renovação. Segundo os dirigentes que estão, precisam melhorar suas práticas. Não pode ser um negócio muito atrasado, que você fincou o pé ali e dali não sai, tipo, “daqui ninguém me tira”, “eu tô aqui há 50 anos e ninguém mudou, por que eu vou mudar agora?”. Tem muito desses discursos e a gente tem feito um esforço de romper com isso, de fazer um movimento transparente, aberto, participativo, democrático. É essa a missão da escola. Por isso que, às vezes, a gente não tem muito confronto, porque as pessoas que não conseguem dar visibilidade nesse momento que nós estamos vivenciando, os argumentos deles são muito fracos, eles não têm muito como justificar. A gente tem tido muito mais gente que adere do que aqueles que não querem. Como o percentual de adesão é maior do que aqueles que oferecem resistências, então a gente acaba superando aquelas resistências e vai, não num processo de confronto, mas num processo de convencimento. Acho que formação é convencimento, não pode ser diferente, não é alienação, não é doutrinação. (Entrevistado Juraci Moreira Souto, Secretário de Formação e Organização Sindical da Contag, Brasília, DF, 2014).

A Enfoc tem somado esforços para fortalecer a ação sindical a partir dos debates sobre a necessidade de mudanças, favorecendo-se, nela, a reflexão sobre a aproximação da prática e dos discursos. É com esse sentido que a Enfoc, no Pará, vem potencializando os debates, problematizando a realidade e as práticas sindicais, promovendo questionamentos e introduzindo reflexões que tocam nos problemas do sindicalismo. Isso tem se traduzido em desafio para a escola, porque não é tarefa simples promover os debates sem provocar tensões e disputas quando o assunto envolve práticas e comportamentos dos dirigentes em processo de formação.

A Enfoc contribuiu para muitas mudanças nas práticas, nos debates internos, geração de conflitos. E essa mudança é visível. É claro que você não consegue ainda emplacar as ações da mudança, mas ela está posta. (Entrevistado Juraci Moreira Souto, Secretário de Formação e Organização Sindical da Contag, Brasília, DF, 2014).

A reflexão sociopolítica é um elemento que a Enfoc tem se proposto a fomentar, por isso, as pessoas, durante os processos formativos, são levadas ao debate e à reflexão, com a utilização de metodologias de envolvimento que estimulam o sentimento da coletividade, da esperança e dos sonhos. O convencimento é trabalhado não como forma de adestramento, mas como meio de despertar, nessas mesmas pessoas, a necessidade das lutas por meio da formação para a concretização dos sonhos. Com a escola, os espaços deliberativos do movimento sindical passaram, então, a ser mais participativos. Neles há questionamentos quanto ao princípio da representatividade e a quantidade de pessoas que participa nos espaços de deliberação é vista como um termômetro que revela a abertura de debates e o fortalecimento da representatividade.

A escola já deu oportunidade de surgir novas lideranças, presidentes de sindicatos, da própria federação, agora é um grande desafio. Muitos saem da escola e pra fazer a revolução tem encontrado muitas barreiras, porque descobrir e fazer a transformação no lugar onde vem imperando a opressão do próprio trabalhador, que faz tudo ao contrário enquanto representante institucional dos trabalhadores, esse é um dos grandes desafios. (Entrevistada Euci Ana da Costa Gonçalves, Secretária de Formação e Organização Sindical da Fetagri-PA, Belém, 2014).

Portanto, pensamos que a Enfoc funciona como instrumento de mobilização, de elevação de consciência sobre a realidade social, mas também que ela pode ser considerada como aspecto que contribui para que o dirigente possa fortalecer a sua base.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Enfoc, partindo da autocrítica das práticas realizadas no movimento sindical, trabalha no sentido de propor alternativas aos comportamentos considerados nocivos ao desenvolvimento político da organização. No Pará, se destacou pelas inovações metodológicas ao propor as Jornadas Pedagógicas que enriqueceram o processo formativo, foram capazes de articular o debate teórico e a realidade prática.

As visitas pedagógicas, os diálogos, os trabalhos em grupo, a mística, a divisão de tarefas, o respeito aos diferentes saberes, a perspectiva emancipatória por meio da educação popular, privilegiando a construção coletiva do conhecimento, são aspectos considerados positivos para o desenvolvimento do processo educativo. Como resultado, houve um crescimento da participação das mulheres e dos jovens nos espaços de debate das organizações sindicais, o que foi bastante positivo, se buscou democratizar os espaços a partir do pressuposto participativo.

Constatou-se que é possível construir um modelo de educação em que as pessoas podem aprender juntas, no coletivo, partilhando saberes, ou seja, uma motivação para combater o comodismo presente no sindicalismo. Ademais, esta escola tem contribuído para que os dirigentes sindicais conheçam o seu verdadeiro papel, o que tem sido uma oportunidade de aprendizado para a conquista de espaço e de direitos, ao favorecer o despertar para a luta coletiva.

Trata-se de uma escola que trabalha de maneira interativa, fortalecendo os laços afetivos daqueles que participam do processo, evidenciando o aspecto da renovação e apontando para a necessidade de processos mais participativos nas organizações sindicais. Portanto, a Enfoc se apresenta como um instrumento que orienta caminhos e cultiva sonhos de mudanças nas práticas daqueles que compõem o universo sindical.

Recebido em: 12/07/2016

Aprovado em: 02/05/2017

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, George Pedro Barbalho. *Ligas Camponesas: formação, luta e enfraquecimento*. Maceió: Recanto das Letras; Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Paraíba, 2010.
- ARROYO, Miguel G. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

- BECKER, Howard S. *Observação social e estudos de casos sociais*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 2000.
- CONFEDERAÇÃO Nacional dos Trabalhadores na Agricultura. *Caderno Projeto Político e Pedagógico*. Brasília: CONTAG, 2008a.
- _____. *Política Nacional de Formação*. Brasília: CONTAG, 2008b.
- DEMO, Pedro. *Participação é conquista*. São Paulo: Cortez, 2009.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teoria e abordagens*. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FÁVERO, Osmar. *Uma pedagogia da participação popular*. Campinas: Autores Associados, 2006.
- FEDERAÇÃO de Trabalhadores(as) na Agricultura do Estado do Pará. *Caderno Histórico da FETAGRI-PA*. Belém: FETAGRI, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GUERRA, G. A. D.; MARIN, R. E. A. Das associações de lavradores aos sindicatos de trabalhadores rurais: o caso do Pará. In: GUERRA, G. A. D.; MARIN, R. E. A. p.52. *Cadernos do CEAS*. Salvador: CEAS, 1990.
- MANFREDI, Silvia Maria. *Formação sindical no Brasil: história de uma prática cultural*. São Paulo: Escrituras, 1996.
- MEDEIROS, Leonildes Servolo. *História dos movimentos sociais no campo*. Rio de Janeiro: Fase, 1989.
- PRAZERES, Maria de Jesus Corrêa dos. *Cultivando sonhos*. A Escola Nacional de Formação da CONTAG no Estado do Pará. Belém, 2014. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) – Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, UFPA, 2014.
- RAMOS, Carolina. CONTAG: distantes abordagens e base social. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, 2011.
- SILVA, Maria do Socorro. *Da raiz à flor: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo*. Brasília: MEC, 2008.
- SOUSA, Raimundo Valdomiro de. *Campesinato na Amazônia: da subordinação à luta pelo poder*. Belém: NAEA, 2002.
- TAVARES, Ricardo. *Contag, da ditadura à transição: memória social e construção política do campesinato*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1992.